

FRONTEIRAS HUMANAS: BREVE HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Mariana Salles Machado Hirche Pedro¹

Maria de Lourdes Bernartt²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo levantar dados sobre a história recente da imigração no Brasil, apontando quais são os países de origem de quem chega em solo brasileiro, como essas pessoas entram no país – legal ou ilegalmente -, qual seu perfil profissional, onde trabalham em nossas terras, como influenciam na economia, o motivo de escolherem o Brasil para viver, entre tantas outras informações pertinentes ao assunto. A metodologia consistiu em pesquisa de campo exploratória, e consistiu em uma primeira aproximação com imigrantes da Associação de Haitianos de Chapecó – SC. A coleta de dados foi feita por meio de roteiro de entrevista semiestruturado, com alguns haitianos que fazem parte da Associação dos Haitianos de Chapecó e com o padre o Padre João Marcos Cimadom, do Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência a Imigrações e coordenador do setor de Mobilidade Urbana do Rio Grande do Sul da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Ao analisar o tema, percebemos que as migrações caracterizam a história do gênero humano e, por isso, fazer uma breve contextualização faz com que percebamos a presença de novos rostos no sul do Brasil. Evidencia-se uma certa resistência da sociedade em promover a integração cultural e processos burocráticos complicados e morosos são parecem ser a principal dificuldade de quem vem de outros países para viver no Brasil. Assim também acontece com brasileiros que escolhem viver em outras pátrias.

Palavras-chave: Imigração; Brasil; Haitianos; Visto Humanitário; Refugiados.

INTRODUÇÃO

As migrações caracterizam a história do gênero humano. Os fluxos imigratórios sempre foram constantes, apenas mudando sua origem do país e a intensidade. Podemos citar como exemplo as migrações históricas, com europeus indo para a Ásia, colonizando as américas; as migrações do final século XX, que predominam latinos hispanos e alguns países africanos; e as migrações do século XXI, quando começam a aparecer asiáticos, caribenhos e africanos.

¹ Jornalista. Aluna do Curso de Especialização em Letras - Linguagem e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco. Editora de Suplementos e Repórter de Economia do Diário do Sudoeste.

² Doutorado em Educação. Docente da UTFPR – Câmpus Pato Branco. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Pato Branco. Membro do Grupo de Estudos sobre Imigrações para o Oeste de Santa Catarina (GEIROSC).

Quadro 1 – Número de pessoas que estão em mobilidade no mundo



Fonte: Fonte: Pastoral dos Migrantes (2015)

Ainda assim, o índice de imigração no Brasil é baixo. Com menos de 2 milhões de imigrantes, as pessoas vindas de outras pátrias representam menos de 1% de nossa população, conforme aponta o Censo demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dados do Departamento de Mobilidade Urbana do Rio Grande do Sul da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) apontam que há novos rostos chegando ao Brasil, cuja população estava acostumada com europeus buscando por oportunidades em terras brasileiras. Cada vez mais caribenhos, africanos e asiáticos deixam suas pátrias para viver na nossa. Chegam ao Brasil atualmente senegaleses, ganeses, somalis e pessoas de mais sete países da África; haitianos e dominicanos, do Caribe; e indianos, bengalis, paquistaneses, da Ásia.

Quadro 2 – Perfil dos novos imigrantes que chegam ao Brasil



Fonte: Fonte: Pastoral dos Migrantes (2015)

Contudo, como entram pessoas, muitos brasileiros também emigram em busca de oportunidade. Dados do Itamaraty do ano de 2008, citados por Xavier (2014), apontam que cerca de 100 mil brasileiros emigram anualmente, sendo que 2,5 milhões vivem em outras pátrias.

Conforme informação do Ministério das Relações Exteriores de 2010, citados por Xavier, os países em que mais vivem brasileiros são: Estados Unidos, Paraguai, Japão, Reino Unido, Portugal, Itália, Espanha, Alemanha, Argentina e França.

Quadro 3 – Cronologia da imigração no Brasil

Cronologia da imigração

1500 a 1747 – Através da política privatista do território, donos importam escravos da África. Período colonial é marcado pela imigração portuguesa e o tráfico de escravos africanos. Estima-se em 4 milhões os escravos trazidos para o Brasil

1747 - Provisão Régia autoriza a imigração de açorianos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul

1808 – Início da política de imigração de núcleos coloniais, trazendo inicialmente chineses, suíços, alemães e italianos

1850 - Política de imigração de mão-de obra para fazendas café e cana e para ocupação de áreas de florestas

1872 e 1929 - Chegada de 4,1 milhões de estrangeiros, sobretudo em SP, RS, SC, PR e RJ, sendo 1,5 milhão da Itália, 1,2 milhão de Portugal, 574 mil da Espanha, 165 mil da Alemanha e 85 mil Japão. Também de muitos outros países, como China, Suíça, Inglaterra, Rússia, Polônia, França, Grécia, Áustria.

1891 - Política de barreiras para africanos e asiáticos

1934 a 1937 - Políticas de cotas. Os imigrantes são proibidos de quaisquer atividades políticas partidárias, associativas, manifestação cultural, inclusive a fala da língua pátria do imigrante

1945 - Política de flexibilização para acolher refugiados e deslocados da Segunda Guerra Mundial. Nos registros do IBGE, os brasileiros que retornam são imigrantes. Da imigração nesse período, uma grande parte – 61,2% a 65% - é constituída por brasileiros que retornaram.

1969 a 1980 - Estatuto do Estrangeiro adota a política da ideologia da segurança nacional. Para isso, a lei passou a dar ao estrangeiro o tratamento de regime policial e penal

1988– A Constituição Federal deixa a questão migratoria para a lei ordinária, que até hoje permanece a do período dictatorial, dá ao Estado o poder de legislar sobre a cidadania (quem pode ser e quem não pode ser cidadão brasileiro) e introduz inovações, como: todos os residentes no país tem seus direitos fundamentais resguardados e é beneficiário das políticas sociais

2000-2010 – A maior parte de imigrantes neste período foram dos EUA, Japão, Paraguai, Bolívia e União Europeia em geral

2010 - Inicia-se a imigração de haitianos para o nosso país. Atualmente, em torno de 60.000 chegaram ao Brasil

*Fonte: CNBB

Fonte: Fonte: Pastoral dos Migrantes (2015)

MATERIAL E MÉTODOS

Este texto consiste em um recorte de uma pesquisa de campo mais ampla, iniciada em 2013, por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da UTFPR Campus Pato Branco. O estudo, ora apresentado, caracteriza-se como pesquisa de campo exploratória. Os dados foram coletados no mês de junho de 2015³, por meio de entrevista semiestruturada, gravada com a autorização dos participantes, em documento específico “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. Participaram imigrantes haitianos pertencentes à Associação de Haitianos de Chapecó-SC e pesquisadores da temática, oriundos do sul do Brasil. A interpretação dos dados ocorreu por meio de seleção de excerto das entrevistas, com base na análise de conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em entrevista com o Padre João Marcos Cimadom, do Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência a Imigrações, coordenador do setor de Mobilidade Urbana do Rio Grande do Sul da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), este declarou que viu uma mudança de rostos em relação à imigração, uma vez que a população estava acostumada com a imigração europeia, e agora basicamente o Brasil foi tomado de surpresa com esse novo fluxo da migração caribenha e africana. Com os europeus, chegam ao Brasil atualmente senegaleses, ganeses, somalis e pessoas de mais sete países da África; haitianos e dominicanos, do Caribe; e indianos, bengalis, paquistaneses, da Ásia.

Uma mínima parte dessas pessoas entra no país com visto legal ou humanitário. A maioria delas atravessa fronteiras ilegalmente, o que dificulta a busca por emprego e estadia permanente. Mesmo a parcela dos imigrantes legais sendo pequena, as solicitações de refúgio cresceram muito nos últimos 10 anos em nosso país, segundo registros da Polícia Federal. Em 2004 foram 65 solicitações, contra 6.109 em 2013, sendo 11.745 haitianos. O restante vem de mais de 80 nacionalidades.

³ Os dados foram coletados no dia 16 de junho de 2015, durante um evento realizado na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) pelo Grupo de Estudos sobre Imigrações para o Oeste de Santa Catarina (GEIROSC), do qual faziam parte o Padre Cimadon e a Associação de Haitianos de Chapecó.

Além desses, há mais de 22.000 haitianos que obtiveram Visto de Residência por razões humanitárias em diversos consulados brasileiros, conforme mostram os dados do Departamento de Mobilidade Urbana do Rio Grande do Sul da CNBB de 2014.

Quadro 4 – Número de refugiados pelo mundo



Fonte: ZAMBERLAN (2013)

Esse crescimento se deu por vários fatores, entre eles o fechamento de fronteiras de outras regiões do mundo, principalmente dos tradicionais países de imigração, como EUA e nações da União Europeia. A relativa estabilidade econômica do Brasil, que ficou famosa no mundo diante da crise econômica de 2008, também faz parte deste retrato imaginário, que envolve ainda a ideia de que nosso país é acolhedor, não tem guerras e grandes conflitos, além do baixo índice de desemprego nos últimos anos.

Conforme o Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Sul do Brasil têm apresentado baixas taxas de crescimento populacional, sendo o Paraná 0,77, Santa Catarina 1.17 e Rio Grande do Sul 0,49. Isso repercute no mercado de trabalho e acaba fazendo com que seja um bom destino para quem está no Brasil para o sustento de sua família. Os empresários, inclusive, se veem forçados a procurar mão de obra entre os imigrantes e encontram, na legislação brasileira, o maior obstáculo.

No Paraná, no ano passado, 3.174 haitianos foram admitidos, contra 1.670 demitidos, um saldo de 1.504 empregados. Já o número de senegaleses é bem menor: 327 admitidos e 171 demitidos, em um saldo de 156 empregos, conforme dados da CNBB de 2015.

Apesar de a maioria dessas pessoas trabalharem em chão de fábrica, cerca de 17% dos imigrantes haitianos têm ensino superior completo – ao contrário dos senegaleses que, em sua maioria, têm apenas Ensino Fundamental --, mas muita dificuldade de validar seu diploma no Brasil, além de enfrentarem a barreira do preconceito ao buscar por um emprego melhor.

Conforme Giacomini (2013), apesar de muitos imigrantes do Haiti terem ensino médio ou superior, para a validação dos diplomas no Brasil, alguns passaram a estudar em escolas de ensino fundamental e médio, principalmente na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Há quem consiga, ainda em seu país, o visto, humanitário ou não, e entre pela porta da frente no Brasil, mas esses são europeus, americanos e uma minoria de haitianos e senegaleses. A grande parte entra em fronteiras com o Acre, Amazonas e Santa Catarina, e chegam a pagar R\$ 17 mil aos coiotes (como são chamados os atravessadores) e mais R\$ 80 mil para fretar um ônibus do Norte até São Paulo, conforme relataram alguns haitianos (informação verbal).

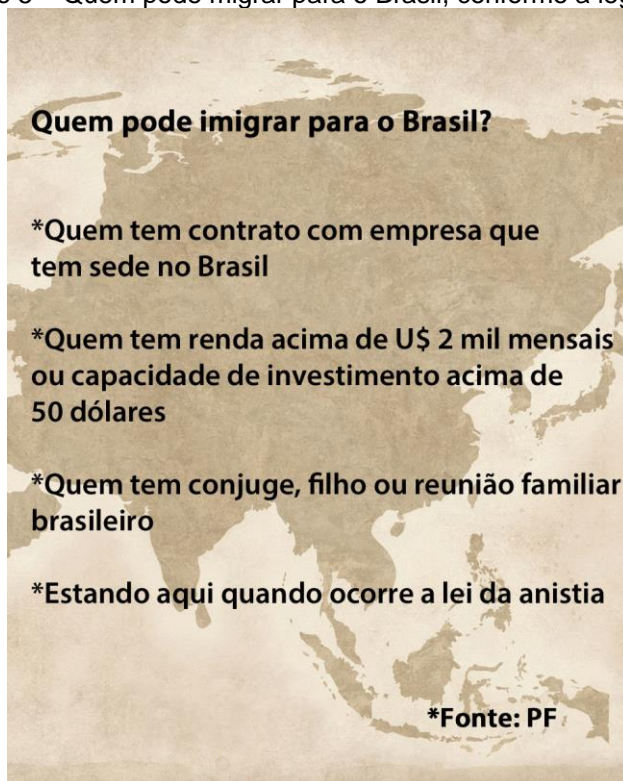
Há um senso comum de que esses imigrantes são pobres, conforme relata um dos haitianos entrevistados:

As vezes chega uma haitiana grávida em um posto de saúde e as atendentes apontam e dizem: olha lá, haitiana e grávida. Como se ela estivesse pedindo o sustento do filho. (Informação verbal)

Mesmo com diploma e dinheiro para pagar as despesas para entrar no país,

eles decidem largar tudo para trabalhar como mão de obra operária porque o nosso dinheiro vale mais do que os dele. Cimadom usa como exemplo os senegaleses, que mandando para seu país cerca de R\$ 400 mensais é o suficiente para manter 70 pessoas no Senegal, porque o salário lá é R\$ 15.

Quadro 5 – Quem pode migrar para o Brasil, conforme a legislação



Fonte: <http://www.dpf.gov.br/servicos/gru/imigracao-estrangeiros>

Os migrantes querem trabalhar, necessitam enviar remessas para sustento da família, e diante da desigualdade de forças entre quem contrata e quem é contratado, na maioria das vezes eles estão do lado mais fraco, desconhecem a legislação, não conseguem se comunicar, não sabem os mecanismos legais disponíveis e às vezes não cumprem as suas obrigações por desconhecimento ou medo.

Também, conforme Zamberlan, Zocchi, Corso e Cimadom (2013), para renovar o Visto Humanitário é preciso apresentar Carteira de Trabalho vigente, ou seja, estar trabalhando, ou mesmo apresentar um contador o relatório de suas economias.

Quadro 6 – Números de migrantes no mundo



Migrantes no mundo (dados de 2013)

Região ou continente	Migrantes	Refugiados
África	18.644.500	3.067.600
Ásia	70.846.800	9.979.400
Europa	72.449.800	1.522.900
América Latina e Caribe	8.548.100	380.200
América do Norte	53.094.900	425.800
Oceania	7.938.100	40.800
Total	231.522.200	15.416.700

Fonte: ZAMBERLAN (2013)

Neste contexto, conforme Cimadom, há preocupações com a discriminação, com a inexistência de infraestrutura e também com o direito de ir e vir. Cimadom relata:

O que a gente percebe é a falta da política pública. Não basta você dar um documento e depois deixar as pessoas ao léu. Você precisa trabalhar com o ser humano no seu todo, independente de cultura, raça, religião, para que ele possa sentir na sua casa a sua pátria, já que a pátria é a terra que lhe dá o pão. (Informação verbal)

Para este pesquisador, a sociedade está sendo desafiada, com essa nova cultura, a buscar opções de atendimento, de acolhida, pois há falta de acordos entre o Brasil e esses países, o que normalmente não acontece com a Europa, dificultando ainda mais a vida dessas pessoas. É preciso fazer uma nova lei que mude essa situação, que é uma questão política, e que ela valorize mais o ser humano. Outro fator destacado pelo autor supracitado e reiterado em entrevistas com haitianos é sobre a falta de informação em grande parte das repartições públicas, bancos e lojas desconhecem o protocolo, portanto há dificuldade por parte desses imigrantes em abrir contas bancárias, conseguir documentos, alugar imóveis. Um dos haitianos entrevistados relata:

Tem lugares que desconhecem o protocolo, então os haitianos tem um monte de dificuldades. Eu mesmo estou com dificuldade em abrir uma

conta. O que estou pensando? Que o governo do Brasil não está preparado para receber os haitianos aqui. Até mesmo nessa questão de trazer os familiares, acho que é necessário fazer uma pesquisa, sensibilizar os haitianos ou conversar com os haitianos que nem precisa trazer. Por que eu vou trazer o meu filho, a minha mãe ou meu irmão para um lugar que eu mesmo estou com dificuldade de documentação. Se estou com dificuldade vou trazer mais pessoas para ter a mesma dificuldade que eu? (Informação verbal)

A vontade, segundo ele diz, “é mesmo de chorar, ao entrar em um estabelecimento e tentar comprar alguma coisa tendo em mãos comprovante de renda, de residência, carteira de trabalho, e o vendedor dizer “quem mandou você vir para o Brasil?”.

A gente fica pensando em como vai sair dessa situação. As vezes a vontade é de chorar mesmo quando entra em algum lugar porque precisa comprar alguma coisa e apresenta o protocolo e as pessoas perguntam: o que é isso? Os documentos estão todos lá, mas as pessoas se negam a vender e até falam mal com os haitianos, falam: você é ilegal aqui. Entendeu? É uma coisa que dá vergonha para a gente da sociedade. Para eu fazer a minha carteira de motorista aqui é uma luta mesmo, porque me pediram visto definitivo e eu não sei como deu certo. A minha carteira no Haiti é de caminhão, mas a carteira daqui tem que ser reduzida, tem que ser categoria B, quando na verdade é C. Eu não sei se os brasileiros têm ideia sobre essas questões. Outro dia eu estava dirigindo e uma pessoa que passou do meu lado olhou tanto para mim que chegou a bater o carro. É como se eu não pudesse dirigir porque sou negro. (Informação verbal)

Mesmo a intolerância aparecendo de forma violenta, o problema se agrava ainda mais quando a falta de informação é somada ao preconceito, travando vários processos, desde os burocráticos até os de inserção social. A partir do momento em que a Polícia Federal emite o RNE, o imigrante está autorizado a fazer seu CPF, Carteira de Trabalho, Carteira de Habilitação, abrir conta bancária, só que falta esta informação aos meios públicos, empresas e da própria sociedade.

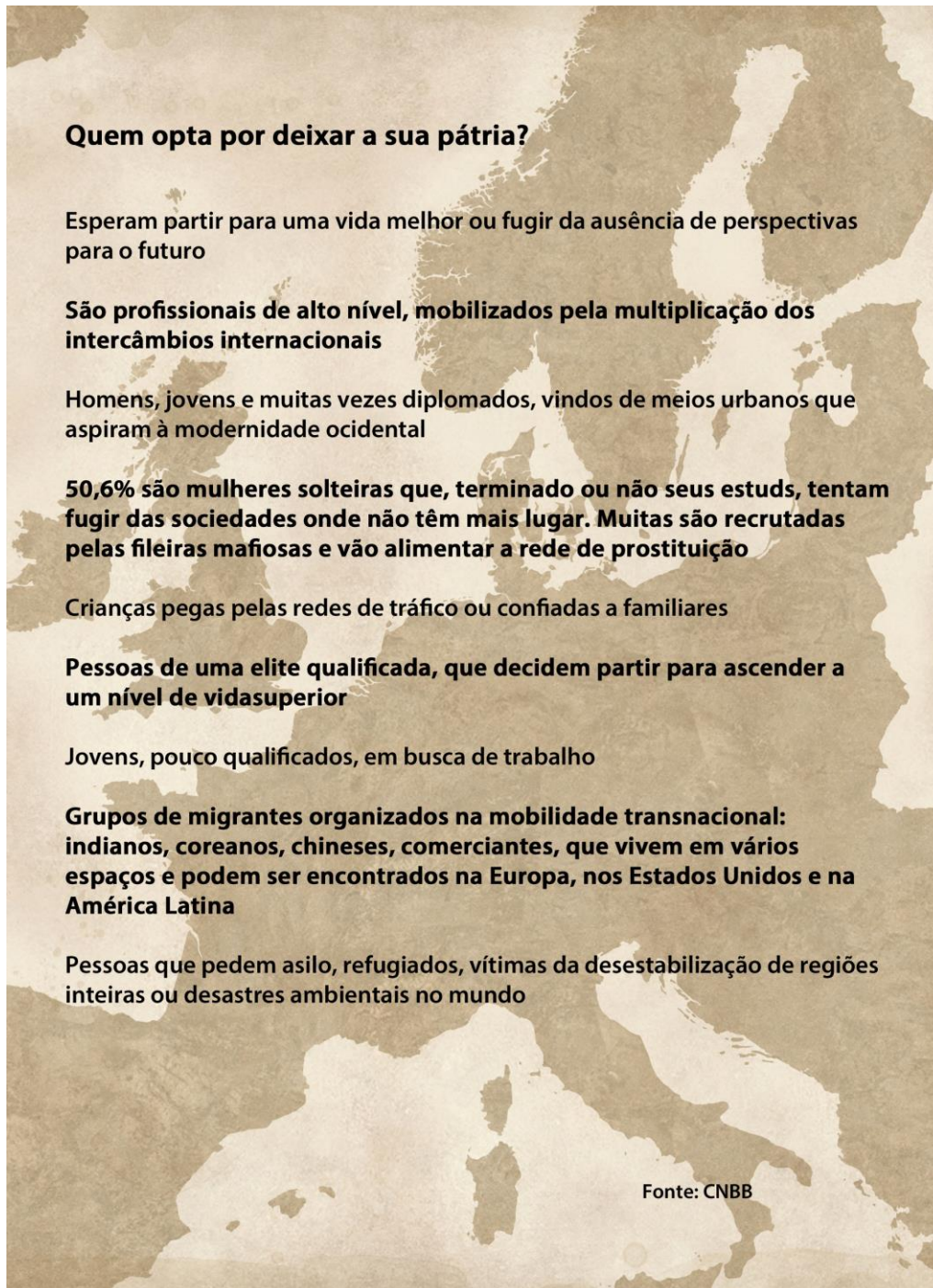
Um haitiano relata (informação verbal) que, ao procurar a Polícia Federal para conseguir o número do seu RNE após o protocolo liberado, a pessoa que o atendeu o chamou de refugiado, sendo que ele não é. Mesmo que fosse, ele diz que sua percepção a cada vez que procura algum produto ou serviço, público ou privado, é de que:

Os refugiados não precisam ser bem atendidos. Esse mesmo atendente comentou que eu não posso ter um carro no Brasil porque sou refugiado, e isso seria impossível para mim. Ouvi isso de uma pessoa que trabalha dentro da Polícia Federal. Eu conheço os meus direitos, mas um haitiano que não entende mesmo nada vai acreditar nesta informação porque ela foi emitida por um funcionário de órgão oficial (Informação verbal).

Essas situações demonstram que o Governo Brasileiro, após o pagamento das taxas, a emissão do protocolo e a publicação do nome do estrangeiro em Diário Oficial, ordem dos procedimentos legais, passa a ser negligente com essas pessoas que chegam até o país em busca de um lar. Essa negligência tem início com a falta de treinamento para quem é responsável por esses setores, todos funcionários públicos federais, se afunilando nas esferas estaduais e municipais, com a falta de políticas públicas de inserção social. Neste contexto, é importante lembrar que, ao contrário da maioria dos países, no Brasil imigrante não tem direito ao voto.

Cimadam conclui (informação verbal) que o natural é que as pessoas desejem viver com dignidade e segurança na própria Pátria, e, por isso, não é fácil deixá-la. Entender isso é defender o direito de migrar, por isso a importância de promover, através de ações pessoais e coletivas, a hospitalidade e a interculturalidade, denunciando e combatendo o racismo e a xenofobia. Para ele, também é importante a documentação para diminuir a situação de vulnerabilidade, além de favorecer a aprendizagem da língua portuguesa como instrumento de organização, defesa de direitos, prevenção à discriminação e promoção da integração social.

Quadro 7 – Perfil de quem deixa sua pátria para viver em outro país



Fonte: Pastoral dos Migrantes (2015)

O brasileiro que escolhe viver em outras pátrias também enfrenta diversas dificuldades, inclusive quando deseja voltar ao Brasil. Conforme levantamento de dados realizado por Xavier (2014), nos anos de 1980 e 1990, brasileiros migraram para o exterior em razão das sucessivas crises econômicas que o país viveu e, em consequência, dos índices de desemprego, sendo que, já na primeira década dos anos 2000, a visibilidade econômica e social do Brasil passou a atrair de volta os migrantes brasileiros, quando países como Japão e Estados Unidos, antes vistos como locais de grande oportunidade de mobilidade social, passaram a enfrentar graves crises econômicas.

Dados das Comunidades Brasileiras no Exterior citadas por Xavier (2014) mostram que a comunidade brasileira no Japão chegou a ter 317 mil pessoas que viviam naquele país, com ápice nos anos 2007 e 2008, enquanto a última estatística mostrava um número de 181 mil brasileiros, portanto um decréscimo de quase 42%.

Porém, conforme dados do Departamento de Desenvolvimento de Cooperação Técnica do Itamaraty, citado por Xavier (2014), em muitos casos o brasileiro que retorna ao país sofre inúmeras dificuldades de adaptação, principalmente por baixa qualificação. Se no exterior a mão de obra operária é valorizada, em nosso país ela é tida como subemprego.

CONCLUSÕES

Com a realização deste estudo foi possível perceber a importância da migração para o desenvolvimento do mundo. Os migrantes estão em busca de uma vida mais digna, seja os que migram para se aperfeiçoar profissionalmente ou mesmo aqueles que só procuram uma oportunidade.

Em específico, os novos imigrantes que chegam ao Brasil estão aqui para trabalhar e enviar remessas para sustento da família, contudo esbarram em questões burocráticas que muitas vezes não conseguem ser resolvidas por falta de políticas públicas que os protejam e os insiram socialmente em nossa pátria, como cidadãos.

Esse tipo de barreira, somado a um preconceito muito evidente, citado por todos os entrevistados, e ainda a barreira da língua, faz com que os imigrantes se sintam por

diversas vezes rejeitados pela nossa pátria.

Outro fator bastante marcante é a falta de dados oficiais sobre imigração na Região Sul do Brasil. Todos os dados levantados por esse trabalho foram conseguidos através de outros estudos de entidades não governamentais.

Em vista da situação explanada, aqui, surge a necessidade de uma discussão mais ampla, sistematização de dados para, posteriormente, desenvolvimento de políticas públicas para a resolução deste problema.

REFERÊNCIAS

CIMADOM, João Marcos. **Entrevista 1** [junho de 2015]. Entrevistador: Mariana Salles Machado Hirche Pedro. Chapecó, 2015. 1 arquivo MP3 (9 minutos).

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação G. de et al. **Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”**. Relatório de Pesquisa. PUC-Minas, 2014.

FERREIRA, Alex. **Paraná, terra dos sonhos dos haitianos**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,parana-terra-dos-sonhos-dos-haitianos,1023499,0.htm>>. Acesso em: 10 de setembro de 2015.

GIACOMINI, Taize. **A mobilidade espacial da força de trabalho haitiana para a região Sudoeste do Paraná no século XXI e os impactos sociais, educacionais e linguísticos para esses trabalhadores e para a sociedade pato-branquense**. 2013, 143 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2013.

HAITIANO. **Entrevista 2** [junho de 2015]. Entrevistador: Mariana Salles Machado Hirche Pedro. Chapecó, 2015. 1 arquivo MP3 (4 minutos e 30 segundos)

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10/10/2015

PASTORAL DO MIGRANTE. **Pastoral do Migrante Regional Sul** [Internet]. Brasil. Disponível em: <<http://pastoraldomigranteregionalsul.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10/09/2015.

SALLES, Mariana. **Fronteiras Humanas**. Revista Vanilla On-Line, Pato Branco. Disponível em: <<http://www.diariodosudoeste.com.br/vanilla/2015/09/fronteiras-humanas/1460714/?275>>. Acesso em: 10/09/2015.

XAVIER, Luiz Gustavo. **Quem são os 2,5 milhões de brasileiros que vivem no exterior?** Câmara do Deputados, Brasília, 2014. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/468239-QUEM-SAO-OS-2,5-MILHOES-DE-BRASILEIROS-QUE-VIVEM--NO-EXTERIOR-BLOCO-1.html>. Acesso em: 10/10/2015

ZAMBERLAN, Jurandir; BOCCHI, Lauro; CORSO, Giovanni; CIMADON, João Marcos. **Imigrante - A Fronteira da documentação e o difícil acesso às políticas públicas em Porto Alegre**. Porto Alegre: Solidus, 2013.

ZAMBERLAN, Jurandir. **Imigração e políticas públicas aos migrantes na cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: http://www.participa.br/articles/public/0006/6528/Imigra%C3%A7ao_e_Pol.P%C3%BAblica._Porto_Alegre.pdf. Acesso em: 28/10/2015